

autor de O CÓDIGO DA VINCI

DAN BROWN



INFERNO



Prólogo

*Eu sou a Sombra.
Pela cidade atormentada, eu fujo.
Pela eterna desolação, corro para escapar.*

Pelas margens do rio Arno, sigo desabalado, ofegante... Viro à esquerda na Via dei Castellani e sigo em direção ao norte, abrigando-me nas sombras da Galleria degli Uffizi.

Mesmo assim eles continuam a me perseguir.

Então, à medida que me caçam com uma determinação implacável, o som de seus passos vai ficando cada vez mais alto.

Há anos sou perseguido por eles. Sua persistência me manteve na clandestinidade e forçou-me a viver no Purgatório, agindo embaixo da terra qual um monstro ctônico.

Eu sou a Sombra.

Aqui, na superfície, ergo o olhar para o norte, mas não consigo encontrar um caminho direto para a salvação, pois os montes Apeninos bloqueiam os primeiros raios de sol da alvorada.

Passo atrás do *palazzo*, com sua torre ornada de ameias e seu relógio de um ponteiro só... Em zigue-zague, avanço por entre os comerciantes madrugadores na Piazza di San Firenze. Quando falam com suas vozes roucas, sinto seu hálito, que recende a *lampredotto* e azeitonas assadas. Atravessando em frente ao Bargello, dobro novamente à esquerda em direção à torre da Badia e me jogo com força contra o portão de ferro ao pé da escada.

Aqui, toda e qualquer hesitação deve ser abandonada.

Giro a maçaneta e entro no corredor. Sei que não haverá volta. Instigo minhas pernas pesadas como chumbo a galgarem a escadaria estreita, com seus degraus de mármore esburacados e gastos subindo em espiral rumo ao céu.



A TORRE DA BADIA, FLORENÇA

As vozes ecoam lá de baixo. Suplicantes.

Eles estão atrás de mim, irredutíveis, cada vez mais perto.

Não entendem o que está por vir... tampouco o que fiz por eles!

Terra ingrata!

Enquanto subo, as visões me vêm com toda a força... os corpos libidinosos se contorcendo sob a chuva de fogo, as almas dos glutões flutuando em excremento, os traidores infames congelados nas garras gélidas de Satanás.

Venço os últimos degraus e chego ao topo cambaleando, à beira da morte; saio para o ar úmido da manhã. Corro até o muro que se ergue à altura da minha cabeça e espio pelas frestas. Lá embaixo estende-se a cidade abençoada que tornei meu santuário contra aqueles que me exilaram.

As vozes me chamam, aproximando-se por trás.

– O que você fez é uma loucura!

Loucura gera loucura.

– Pelo amor de Deus – gritam eles –, diga-nos onde a escondeu!

É exatamente pelo amor de Deus que não direi.

Aqui estou, encurralado, as costas contra a pedra fria. Eles olham no fundo dos meus olhos verdes e límpidos, e seus rostos ficam carregados: sua expressão, antes persuasiva, agora é ameaçadora.



– Você sabe que temos nossos métodos. Podemos forçá-lo a nos contar onde está.

Por isso subi metade do caminho até o Céu.

Sem aviso, eu me viro e ergo os braços, agarrando o parapeito alto com os dedos, içando meu corpo, ajoelhando-me às pressas em cima do muro. Depois me ponho de pé... oscilo à beira do precipício. *Seja o meu guia, caro Virgílio, enquanto atravesso o vazio.*

Eles disparam à frente, incrédulos, querendo agarrar meus pés, mas temendo que eu perca o equilíbrio e caia. Com um desespero contido, começam a implorar, mas eu já lhes dei as costas. *Sei o que devo fazer.*

Lá embaixo, a uma distância vertiginosa, telhas vermelhas se espalham como um mar de fogo pelo campo... iluminando a bela terra um dia povoada por gigantes... Giotto, Donatello, Brunelleschi, Michelangelo, Botticelli.

Aproximo os dedos dos pés da beirada.

– Desça! – gritam eles. – Ainda há tempo!

Ó, ignorantes obstinados! Por acaso não conseguem ver o futuro? Não conseguem entender o esplendor da minha criação? Como ela é necessária?

É com prazer que faço este derradeiro sacrifício... e com ele extinguirei suas últimas esperanças de encontrar o que buscam.

Vocês jamais conseguirão localizá-la a tempo.

Centenas de metros lá embaixo, a *piazza* de paralelepípedos me chama como um oásis de serenidade. Como eu gostaria de ter mais tempo... Porém esse é o único bem que nem mesmo minha enorme fortuna pode comprar.

Nestes últimos segundos, baixo os olhos em direção à *piazza* e vislumbro algo que me deixa perplexo.

Vejo o seu rosto.

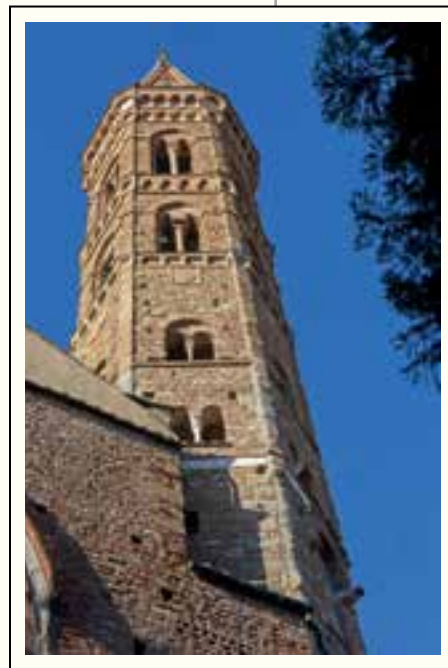
Em meio às sombras, você tem os olhos erguidos para mim. Estão pesarosos, mas neles também percebo reverência pelo que fui capaz de fazer. Você entende que não tenho escolha. Por amor à humanidade, devo proteger minha obra-prima.

Neste exato momento, ela cresce... à espera... fervilhando sob as águas rubras de sangue da lagoa que não reflete as estrelas.

Então tiro meus olhos dos seus e contemplo o horizonte. Muito acima deste mundo oprimido, faço minha última súplica.

Queridíssimo Deus, rogo-lhe que o mundo se lembre do meu nome não como um pecador monstruoso, mas como o salvador glorioso que o Senhor sabe que na verdade sou. Rogo que a humanidade entenda o presente que deixo.

Meu presente é o futuro.



A BADIA FLORENTINA



Meu presente é a salvação.

Meu presente é o Inferno.

Com essas palavras, sussurro amém... e dou o último passo para mergulhar no abismo.



AFRESCO DO INFERNO, IL DUOMO, FLORENÇA



Capítulo I

As lembranças se materializaram lentamente, como bolhas vindo à tona da escuridão de um poço sem fundo.

Uma mulher com o rosto coberto por um véu.

Robert Langdon olhava para ela do outro lado de um rio cujas águas agitadas corriam vermelhas, tingidas de sangue. De frente para ele, na margem oposta, a mulher o encarava, imóvel, solene. Trazia na mão uma faixa azul, uma *tainia*, que ergueu em homenagem ao mar de cadáveres aos seus pés. O cheiro da morte pairava por toda parte.

Busca, sussurrou a mulher. E encontrarás.

Langdon ouviu as palavras como se ela as tivesse pronunciado dentro de sua cabeça. *Quem é você?*, perguntou ele, sem que sua voz produzisse som algum.

O tempo está se esgotando, murmurou ela. *Busca e encontrarás.*

Langdon deu um passo à frente, em direção ao rio, mas então viu que as águas, além de ensanguentadas, eram profundas demais para que ele as atravessasse. Quando tornou a erguer os olhos para a mulher de véu, os corpos aos seus pés tinham se multiplicado. Eram agora centenas, milhares talvez, alguns ainda vivos, contorcendo-se de agonia, padecendo mortes inimagináveis... consumidos pelo fogo, enterrados em fezes, devorando uns aos outros. Podia ouvir os lamentos humanos ecoando acima da água.

A mulher se moveu em sua direção com as mãos esguias estendidas, como quem pede ajuda.

Quem é você?!, gritou Langdon dessa vez.

Em resposta, a mulher levou a mão ao rosto e ergueu lentamente o véu. Sua beleza era arrebatadora, porém ela era mais velha do que Langdon imaginara: 60 e poucos anos talvez, ativa e forte, como uma estátua atemporal. Tinha um maxilar

BUSCA
E
ENCONTRARÁS



anguloso, de aspecto severo, olhos penetrantes e intensos e longos cabelos prateados, cujos cachos lhe caíam em cascata sobre os ombros. Um amuleto de lápis-lazúli pendia de seu pescoço – uma serpente solitária enroscada em um bastão.

Langdon teve a sensação de que a conhecia, de que confiava nela. *Mas como? Por quê?*

Ela então apontou para duas pernas que brotavam da terra, se contorcendo. Aparentemente eram de alguma pobre alma enterrada até a cintura, de cabeça para baixo. Uma letra solitária escrita com lama se destacava na coxa pálida do homem: *R*.

R?, pensou Langdon, intrigado. *R de... Robert?*

– Será que esse... sou *eu*?

O rosto da mulher nada revelava. *Busca e encontrarás*, repetiu ela.

Subitamente, ela começou a irradiar uma luz branca... cada vez mais forte. Todo o seu corpo passou a vibrar com intensidade e, então, com um estrondo repentino, ela explodiu em mil faíscas.

Langdon acordou sobressaltado, aos gritos.

Estava sozinho no quarto iluminado. O cheiro pungente de álcool hospitalar pairava no ar. Ali perto, bipes de máquina soavam em discreta sintonia com o ritmo de seu coração. Tentou mover o braço direito, mas uma dor lancinante o impediu. Olhou para baixo e viu que um cateter intravenoso repuxava a pele de seu antebraço.

Sua pulsação se acelerou e as máquinas acompanharam o ritmo, passando a emitir bipes mais rápidos.

Onde estou? O que aconteceu?

A nuca de Langdon latejava, uma dor torturante. Com cautela, ele ergueu o braço livre e tocou o couro cabeludo, tentando localizar a origem da dor de cabeça. Sob os cabelos emaranhados, encontrou as extremidades duras de uns dez pontos incrustados de sangue seco.

Fechou os olhos e tentou se lembrar de algum acidente.

Nada. Branco total.

Pense.

Apenas escuridão.

Um homem com roupa cirúrgica entrou apressado, aparentemente alertado pela aceleração dos bipes do monitor cardíaco de Langdon. Tinha barba desgrenhada, bigode cerrado e olhos bondosos que transmitiam uma calma atenciosa por baixo das sobrancelhas revoltas.

– O que... o que houve? – Langdon conseguiu perguntar. – Eu sofri algum acidente?

O barbudo levou um dedo aos lábios e tornou a sair às pressas para chamar alguém no corredor.

Langdon virou a cabeça, mas o movimento fez uma pontada de dor atravessar seu crânio. Respirou fundo várias vezes e esperou a dor passar. Então, com cuidado e de forma metódica, examinou o ambiente estéril ao seu redor.



O quarto de hospital continha uma cama só. Não havia flores. Não havia cartões. Viu as próprias roupas em cima de um balcão próximo ao leito, dobradas dentro de um saco plástico transparente. Estavam cobertas de sangue.

Meu Deus. Deve ter sido grave.

Langdon girou a cabeça bem devagar em direção à janela ao lado da cama. Estava escuro lá fora. Era noite. A única coisa que ele conseguia ver no vidro era o próprio reflexo: um desconhecido pálido, exausto e abatido, ligado a tubos e fios, cercado por equipamentos hospitalares.

OuvIU vozes se aproximando pelo corredor e tornou a olhar para o quarto. O médico voltou, dessa vez acompanhado por uma mulher.

Ela parecia ter 30 e poucos anos. Usava roupa cirúrgica azul e tinha os cabelos louros presos em um rabo de cavalo grosso que balançava ao ritmo de seus passos.

– Sou a Dra. Sienna Brooks – apresentou-se, abrindo um sorriso para Langdon ao entrar. – Vou trabalhar com o Dr. Marconi hoje à noite.

Langdon assentiu com um débil meneio de cabeça.

Alta e graciosa, a Dra. Brooks se movia com a desenvoltura assertiva de uma atleta. Mesmo com aquela roupa folgada, conservava uma elegância esguia. Por mais que Langdon não percebesse nenhum traço de maquiagem, sua pele tinha uma suavidade incomum, a única mácula era uma pinta minúscula logo acima dos lábios. Os olhos, de um tom castanho suave, pareciam estranhamente penetrantes, como se houvessem testemunhado experiências de rara profundidade para alguém tão jovem.

– O Dr. Marconi não fala inglês muito bem, então me pediu que preenchesse sua ficha de admissão – disse ela, sentando-se ao seu lado. Voltou a sorrir.

– Obrigado.

– Certo – começou ela, assumindo um tom de voz sério. – Qual é o seu nome?

Ele precisou de alguns instantes.

– Robert... Langdon.

Ela apontou uma lanterninha para seus olhos.

– Profissão?

Ele respondeu ainda mais devagar:

– Professor universitário. História da Arte... e Simbologia. Em Harvard.

A Dra. Brooks baixou a lanterna, mostrando-se surpresa. O médico de sobran-celhas revoltas pareceu igualmente espantado.

– O senhor é americano?

Langdon a encarou com um olhar intrigado.

– É só que... – Ela hesitou. – O senhor não tinha documento nenhum quando chegou. Como usava um paletó Harris Tweed e sapatos sociais, imaginamos que fosse britânico.

– Eu sou americano – assegurou-lhe Langdon, exausto demais para explicar sua preferência por alfaiataria de qualidade.

– Está sentindo alguma dor?



– Na cabeça – respondeu Langdon, o latejar em seu crânio agravado pelo brilho forte da lanterna. Felizmente, a médica a guardou no bolso e pegou seu pulso, para medir os batimentos.

– O senhor acordou gritando – falou. – Consegue se lembrar por quê?

Langdon voltou a ter um lampejo da estranha visão da mulher de véu, cercada de corpos em agonia. *Busca e encontraráás.*

– Tive um pesadelo.

– Sobre o quê?

Langdon lhe contou.

A Dra. Brooks manteve uma expressão neutra enquanto fazia anotações numa prancheta.

– Alguma ideia do que possa ter provocado uma visão tão apavorante?

Langdon vasculhou a memória e então balançou a cabeça, que latejou em protesto.

– Muito bem, Sr. Langdon – disse ela, sem parar de escrever –, agora vou fazer algumas perguntas de rotina. Que dia da semana é hoje?

Langdon pensou por alguns instantes.

– Sábado. Eu me lembro de estar andando pelo campus hoje mais cedo... de participar de um congresso à tarde e depois... acho que essa é a última coisa de que me lembro. Eu levei um tombo?

– Já vamos falar sobre isso. O senhor sabe onde está?

Langdon deu seu melhor palpite:

– No Hospital Geral de Massachusetts?

A Dra. Brooks fez outra anotação.

– Existe alguém para quem devemos telefonar avisando? Mulher? Filhos?

– Ninguém – respondeu Langdon sem precisar pensar.

Sempre gostara da solidão e da independência que sua vida de solteiro lhe proporcionava, embora precisasse admitir que, nas condições em que se encontrava, preferiria ter um rosto conhecido ao seu lado.

– Eu poderia telefonar para alguns colegas, mas não vejo necessidade.

Quando a Dra. Brooks terminou de verificar o pulso de Langdon, o médico mais velho se aproximou. Alisando as sobrancelhas revoltas, sacou um pequeno gravador do bolso e o mostrou à colega. Ela assentiu, indicando que entendera, e voltou a encarar o paciente.

– Sr. Langdon, quando chegou hoje mais cedo, o senhor estava murmurando repetidamente uma coisa.

Ela lançou um olhar ao Dr. Marconi, que ergueu o gravador digital e apertou um botão.

Uma gravação começou a tocar e Langdon ouviu a própria voz gaguejar repetidas vezes a mesma frase: “*Ve... sorry. Ve... sorry.*”

– Me parece – continuou a doutora – que o senhor estava dizendo “*Very sorry. Very sorry.*”



Langdon concordou, embora não se lembrasse de nada daquilo.

A Dra. Brooks o fitou com um olhar tão intenso que chegava a ser perturbador.

– Tem alguma ideia de por que diria isso? O que o senhor lamenta tanto?

Enquanto se esforçava para tentar lembrar, Langdon tornou a ver a mulher de rosto velado parada à margem de um rio vermelho-sangue, cercada de corpos. Sentiu outra vez o fedor da morte.

Foi invadido pela sensação repentina, instintiva, de que estava correndo perigo... não só ele como todos os demais. Os bipes do monitor cardíaco se aceleraram na mesma hora. Seus músculos se retesaram e ele tentou se sentar.

A Dra. Brooks se apressou em pousar a mão com firmeza sobre seu peito, forçando-o a permanecer deitado. Então lançou um olhar rápido para o médico barbudo, que foi até um dos cantos do quarto e começou a preparar alguma coisa.

Em pé ao lado de Langdon, a doutora voltou a falar com um sussurro:

– Sr. Langdon, ansiedade é uma reação comum a traumatismos cranianos, mas o senhor precisa manter sua pulsação baixa. Não deve se mexer nem se agitar, apenas fique deitado e descanse. Vai ficar tudo bem. Aos poucos, vai recuperar a memória.

O outro médico voltou com uma seringa, que entregou à Dra. Brooks. Ela injetou o conteúdo no acesso intravenoso de Langdon.

– É só um sedativo leve para acalmá-lo – explicou – e para aliviar a dor. – Ela se levantou para ir embora. – Vai ficar tudo bem, Sr. Langdon. Agora durma. Se precisar de alguma coisa, aperte o botão ao lado da cama.

Ela apagou a luz e se retirou junto com o médico barbudo.

No escuro, Langdon sentiu o efeito quase imediato da medicação em seu organismo, arrastando-o de volta para as profundezas do poço do qual havia emergido. Combateu a sensação, forçando os olhos a permanecerem abertos na escuridão do quarto. Tentou se sentar, mas seu corpo parecia feito de concreto.

Ao mudar de posição na cama, Langdon se viu outra vez de frente para a janela. As luzes estavam apagadas e, no vidro escuro, seu próprio reflexo havia desaparecido, substituído por um horizonte distante e iluminado.

Em meio às silhuetas de torres e domos, uma fachada em especial se destacava em seu campo de visão. A construção era uma imponente fortaleza de pedra, com ameias no parapeito e uma torre de mais de 90 metros, que ficava mais larga perto do topo projetado para fora, também com ameias munidas de balestreiros.

Langdon se sentou na cama com as costas eretas, fazendo com que a cabeça quase explodisse de dor. Lutou contra o latejar violento e fixou o olhar na torre.

Conhecia bem aquela estrutura medieval.

Era única no mundo.

Infelizmente, porém, ficava a quase 6.500 quilômetros de Massachusetts.



PALAZZO VECCHIO, FLORENÇA



DO LADO DE FORA, escondida nas sombras da Via Torregalli, uma mulher robusta desceu com agilidade de uma moto BMW e avançou com o andar decidido de uma pantera que persegue a presa. Tinha um olhar feroz. Os cabelos curtos e espetados se destacavam contra a gola levantada do macacão preto de couro. Ela verificou a arma equipada com silenciador que trazia nas mãos e ergueu os olhos para a janela do quarto de Robert Langdon, onde a luz acabara de se apagar.

Mais cedo naquela noite, sua missão original dera terrivelmente errado.

O arrulho de uma simples pomba havia mudado tudo.

Agora ela estava lá para consertar o estrago.